

EDITORA GLOBO NAS DÉCADAS DE 60 E 70 DO SÉCULO XX

Newton Tavares da SILVA FILHO
UFJF

Após a Segunda Grande Guerra, o volume de publicações cresceu no Brasil, especialmente de traduções de autores do ocidente. Podemos destacar, neste contexto, o papel pioneiro da Editora Globo. A partir da década de 40 do século XX, a língua inglesa superou o francês que, até então, era a língua de cultura no Brasil, preponderante nas traduções. A ascensão do idioma inglês se deveu, principalmente, ao panorama político do pós-guerra, com a divisão do mundo em dois grandes blocos, tendo os comunistas de um lado e os capitalistas do outro, liderados pelos Estados Unidos. A influência norte-americana no cenário político brasileiro se tornou marcante a partir desse período da história. Os militares brasileiros foram treinados pelos oficiais americanos e o contato dos pracinhas brasileiros com os soldados americanos no *front* durante as incursões à Itália formaram laços de admiração entre os militares. Essa influência americana dentro das forças armadas brasileira contribuiu para a formação da ideologia que levou ao golpe de 1964.

A ideologia anticomunista, importada dos EUA, foi amplamente divulgada pelos meios de comunicação de massa e a censura foi o instrumento de ação mais recorrente nos governos militares brasileiros. A manipulação de conhecimento e informações existente durante o período da ditadura militar no Brasil já se fazia sentir antes do golpe de 1964, através da atuação de dois institutos, o Ipês (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) e o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), ambos sustentados por empresários nacionais e por doações de agências internacionais, norte-americanas mais especificamente. O IBAD foi extinto em 1963, após uma CPI para apurar a origem do dinheiro que mantinha a instituição e o Ipês só viria a ser extinto em

março de 1972, em plena ditadura, apesar dos apelos de Glycon de Paiva, uma das figuras mais atuantes do instituto.

Através de um estudo quantitativo dos livros de língua inglesa traduzidos e publicados pela Editora Globo entre 1960 e 1979, anos que marcaram um maior fomento da repressão militar e da censura, alcunhados de os "anos de chumbo", nas palavras de ¹Nadine Habert., será analisada a seleção e publicação de títulos dessa editora. Este estudo busca mostrar o que aconteceu para que a tradução viesse a ocupar, no contexto dessa Editora, no referido período, uma posição central em relação ao sistema de livros por ela publicados.

A Editora Globo surgiu em dezembro de 1883, em Porto Alegre, sob a direção de Laudelino Pinheiro Barcellos e Saturnino Alves Pinto. Com a morte de Barcellos, em 1917, José Bertaso, que era sócio dos dois, tornou-se proprietário da empresa. Após a Primeira Grande Guerra, ele começou a publicação de livros oriundos de um "renascimento literário local" (²HALLEWELL: 311). Nessa época, Mansueto Bernardi, imigrante italiano, era o responsável pelas edições da Globo. Bernardi conseguiu fazer com que a editora desse seus primeiros passos rumo a um mercado mais amplo publicando alguns títulos traduzidos, em sua maioria da Itália, Espanha e França. Para chegar aos seus objetivos, Mansueto formou uma equipe de profissionais: artistas gráficos, tradutores, editores de texto e revisores, todos do mais alto nível (AMORIM: 34).

Após a saída de Mansueto, em 1931, o departamento editorial da Globo foi assumido pelo filho mais velho de José Bertaso, Henrique Bertaso, que já trabalhava na empresa em funções inferiores. Juntamente com outro jovem integrante do *staff* da editora, Erico Veríssimo, que, além de escritor, era também tradutor, Bertaso iniciou a edição de coleções, ampliando o

¹ HABERT, Nadine. A década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira. 3ª ed. SP, Ática. 1996.

² HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EUSP, 1985. (Coleção Coroa Vermelha: Estudos Brasileiros; v. 6)

setor editorial e trazendo ao público obras de autores consagrados na literatura mundial. Até o início da década de 30 do século XX, muito pouco se traduzia no Brasil, no campo da literatura, fora da língua francesa. A Editora Globo foi uma empresa pioneira no que diz respeito à publicação de traduções de autores de língua inglesa no Brasil, quebrando o monopólio da língua francesa como língua de tradução no cenário nacional, segundo pesquisas realizadas para a consecução deste trabalho e de acordo com algumas informações de José Otávio Bertaso, em seu livro ³*A Globo da Rua da Praia*.

A partir dessa época, vários foram os tradutores que trabalharam para Editora Globo: Mário Quintana, Paulo Rónai, Manuel Bandeira, Lourdes de Alencar, Carlos Drummond de Andrade e Lúcia Miguel Pereira, entre outros. Graças às publicações de traduções dessa editora, Aldous Huxley, George Orwell e William Somerset Maugham, por exemplo, tornaram-se autores de língua inglesa muito vendidos em terras brasileiras.

Durante os anos da ditadura militar, a Editora Globo alcançou seu ápice como empresa editorial, através de contratos com o Ministério da Educação. O governo americano, em um dos vários convênios com o brasileiro, difundiu a idéia das mini-bibliotecas nas escolas, a fim de estimular a utilização de livros nas escolas de 1º. e 2º. graus. A meta era instalar 40 mil mini-bibliotecas para uso dos alunos e professores. Para tanto, foi criada a Comissão do Livro Técnico e Didático (COLTED), formada por técnicos do Ministério da Educação e por americanos. Esse programa, com o tempo, constituiu-se numa das maiores injeções de dinheiro por parte do governo norte-americano recebidas pela indústria editorial brasileira.

No início da década de 60, mais precisamente em 1963, em plena agitação política causada pela renúncia de Jânio Quadros, com grande parte da população imbuída de um

³ BERTASO, José Otávio. *A Globo da rua da praia*. São Paulo. Globo, 1993.

sentimento anticomunista, a Editora Globo publicou, entre outros títulos, *A Revolução dos Bichos* (*Animal Farm*), de George Orwell, uma sátira da revolução russa e *O Zero e o Infinito* (*Darkness at Noon*), de Arthur Koestler, no qual o autor, ex-marxista e ex-comunista, relata a vida de um homem, N. S. Rubachov, vítima dos Processos de Moscou. Essas publicações fornecem evidências para a alegação de que tal editora se rendeu, por motivos de ordem econômica, aos ideais que conduziram ao golpe militar de 1964, assim como o fizeram várias outras editoras brasileiras no período, haja vista a lista de contribuintes do complexo Ipês/IBAD, reproduzida em

⁴Dreifuss (figura 1).

8. Publicidade, imprensa, gráficas, jornais; fundações

Artes Gráficas Gomes de Souza S/A.
(L.T.B. S/A.) (Gilbert Huber Jr., José
Cândido Moreira de Souza).

Editora de Guias LTB S/A. (Clarence Dau-
phinot, Eurico Castanheira, Hamilton Pa-
raíso, Marcello Rangel Porto, J. J. Dor-
nelles).

Amoroso Lima, Cândido Guinle de Pau-
la Machado).

Importadora Gráfica Arthur Sievers.
Editora Vecchi Ltda.

Editora Globo.

Seleções Reader's Digest.

Editora Paulo de Azevedo.

Livraria Francisco Alves.

Fundação Coimbra Bueno (Abelardo Coim-
bra Bueno, General Humberto Peregri-
no).

Papelaria Dom Pedro II S/A. (Manoel da
Cruz, Manoel Alberto Pereira Dias).

Agir Livraria e Editora (Artes Gráficas In-
dústrias Reunidas S/A. Agir). (Alceu

Kosmos Editora.

Almeida Mello Publicidade Ltda.

Instituto Educação e Cultura-Jacarepaguá.

Papelaria Master S/A.

Editora Monterrey Ltda.

Empresa Jornalística Notícias da Indústria
Ltda.

José Olympio Editora.

Fontes: Lista dos Contribuintes em 1963 — IPES Rio

Lista dos Contribuintes em 1964 — IPES Rio dos Arquivos do IPES — Rio de Janeiro

Lista dos Contribuintes em 1965 — IPES Rio

IPES SP CD & CE, 27 nov. 1962.

⁴ DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes. 1981.

Em seu livro, José Otávio Bertaso não menciona textualmente as relações da Editora Globo com o complexo Ipês/IBAD no processo de desestabilização do governo Jango. No entanto, o esforço de colaboração da Editora Globo na campanha contra o comunismo faz-se perceber, embora discretamente, quando Bertaso diz que "para encerrar a nossa campanha anticomunista, publicando livros de autores que haviam mergulhado na ideologia marxista – (...) resolvemos publicar *Conversações com Stálin*, de Milovan Djilas" (BERTASO:178).

Sabendo-se que existem culturas que têm sua autoridade derivada de um texto, como a *Bíblia*, o *Alcorão* ou o *Manifesto Comunista*. Essas culturas tentam, provavelmente, proteger esse texto com uma vigilância especial. Já que o poder das mesmas está fundamentado nesse texto, as traduções do mesmo sofrem um severo controle. Se assim não o fosse, elas ficariam à mercê de ideologias e interpretações que podem não condizer com aquelas praticadas por elas. De forma similar, guardadas as devidas proporções, um controle como esse aconteceu no Brasil durante os anos da ditadura militar. Porém, ele não era imposto a um determinado texto, mas procurava limitar qualquer entrada de material visto como comunista. Assim, logo após o golpe de 64, alguns materiais foram apreendidos: 84 gramáticas russas, dezesseis cursos Linguaphone do idioma russo e oito exemplares do livro *A Rússia por Dentro*, de John Günther (BERTASO: 35). Sabe-se que a tradução de um texto não é somente a transcrição de um código para outro, ela transporta também traços de uma cultura para outra. Por isso poderia ser muito perigoso para os governantes do nosso país deixarem que traços de uma cultura que não fossem compatíveis com os seus interesses circulassem livremente dentro do país. Esse interesse em controlar o que era produzido pelas empresas editoriais ganhou reforço no controle das traduções, um controle que já se fazia presente na imprensa. Dessa maneira, os ideais do regime ditatorial poderiam ser preservados e, por outro lado, se, através de suas traduções, alguma cultura estrangeira atendesse aos interesses do regime, ganharia um status maior dentro da sociedade.

A produção literária nacional dos anos 60 no Brasil era restrita. Como reflexo do momento vivido pelo país no referido período, em que, seja pela ação direta dos órgãos controladores do Estado, seja por causa do exílio a que muitos foram enviados, os autores nacionais estavam impedidos de se expressar. Grande parte das produções era feita para o entretenimento do leitor, fenômeno comum em regimes ditatoriais, semelhante ao que acontecera no início dos anos 30 na ditadura de Vargas. Isso pode ser constatado na década de 60 pela presença dos órgãos controladores do Estado, a AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas), por exemplo, utilizou a mídia para difundir frases de efeito, tais como “ninguém segura esse país!” e “Brasil, conte comigo!” (SKIDMORE: 221), o que demonstrou uma preocupação com aquilo que o público teria acesso e de que forma poderia ser influenciado. A Editora Globo tem tradição em investir em traduções, e, conseqüentemente, em bons tradutores. Esses tradutores, geralmente escritores, davam seu aval para a boa qualidade dos livros da editora. Como exposto, devido ao momento político no qual se encontrava o Brasil na década de 60, é fácil perceber que os autores nacionais não poderiam expressar suas idéias através de suas obras, o que reduzia em muito não só o volume de obras quanto a qualidade das mesmas. Portanto, as traduções de clássicos e *bestsellers* seriam a melhor opção de mercado para qualquer editora.

A publicação, pela Editora Globo, de livros traduzidos, se manteve expressiva no período entre 1960 e 1979. De tal modo que, a literatura estrangeira, em maior escala a de língua inglesa,

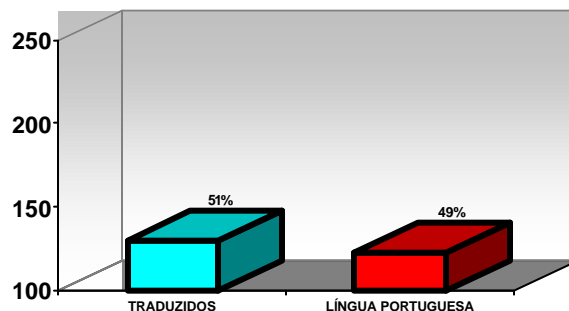


Gráfico 1: TOTAL DE LIVROS PUBLICADOS PELA EDITORA GLOBO ENTRE 1960 - 1979

⁵ SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964 - 1985*. Trad. Mario Silviano Silva - Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1989.

ganhou um impulso maior dentro do subsistema ao qual estava inserida e assumiu, de acordo com a teoria dos polissistemas, uma posição primária dentro de um sistema geral que, para fins desse trabalho considero ser a Editora Globo. A força dessas publicações se faz notar pelo volume de livros traduzidos publicados que, como podemos observar pelo gráfico 1, superou o de nacionais.

Dos 253 títulos publicados, sem se contar aqui o número de reedições e a tiragem, 130 (51%) foram de títulos traduzidos e 123 (49%) de nacionais. Embora a diferença seja pequena, ela existe e marca um quadro que, como visto, vinha se desenvolvendo desde o início da década de 30, quando a Editora Globo passou a investir com mais intensidade em traduções. Esse fenômeno é compreensível, evidencia uma necessidade que as editoras tinham em manter-se economicamente, principalmente, porque não havia muitas opções de escolha no período, assim era mais garantido trabalhar com sucessos vindo do exterior.

Como causa também do interesse econômico que se tornou característico do capitalismo e que, conseqüentemente, demonstra a influência do império econômico norte-americano, observamos no gráfico 2 que a língua inglesa assumiu, dentro do contexto da Editora Globo, uma posição central no sistema de publicações traduzidas.

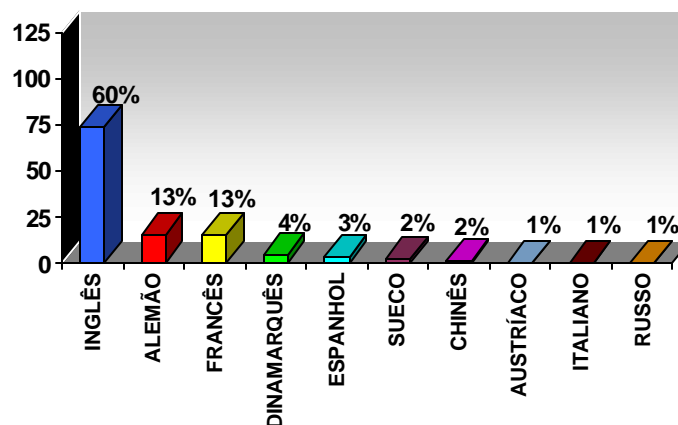


Gráfico 2: LÍNGUAS DE ORIGEM DOS LIVROS TRADUZIDOS E PUBLICADOS PELA EDITORA GLOBO ENTRE 1960 E 1979

Da mesma forma que nos anos 30, o inglês assumiu uma posição superior, desta vez não só em relação à língua francesa, mas em relação a todas as línguas traduzidas e publicadas pela editora nos anos 60. A força da cultura de língua inglesa, dentro do sistema de publicações traduzidas da Globo, é muito evidente: 74 títulos (60%) das publicações provêm deste contexto, enquanto que, empatadas com 16 títulos (13%) cada, as duas línguas que mais se aproximam em volume de traduções publicadas são o alemão e o francês. O poder econômico das culturas de língua inglesa aliado ao contexto político brasileiro são fatores preponderantes para esse *boom* vivido pelas traduções do inglês entre 1960 e 1979. O momento de transição político-econômica das duas décadas foram a alavanca que impulsionou o inglês não só dentro do sistema da Globo, mas que influenciou para um quadro mais geral das publicações traduzidas no país, como podemos verificar no quadro reproduzido abaixo, retirado do Jornal do Brasil de 09/06/2001.

Idiomas	TÍTULOS				
	1999	participação no mercado (%)	2000	Participação no mercado (%)	Variação (%)
Inglês	4.818	73	4.118	66	-15
Francês	560	9	533	9	-5
Espanhol	443	7	351	6	-21
Alemão	241	4	974	16	304
Italiano	151	2	136	2	-10
Português de Portugal	199	3	16	-	-92
Japonês	145	2	84	1	-42
Outros	8	-	14	-	75
Total	6.565	100	6.226	100	-5

Fonte: Jornal do Brasil - caderno Idéias 09/06/2001

TABELA 1: TÍTULOS EDITADOS TRADUZIDOS PARA O PORTUGUÊS

Isso marca uma relação de domínio da cultura estrangeira, no caso mais da proveniente do contexto de língua inglesa, dentro do sistema cultural brasileiro. Com relação aos autores mais traduzidos de língua inglesa e publicados pela Globo, podemos perceber que não havia nenhuma conotação política ou ideológica neles. No sistema político vivido no período abordado neste trabalho isso não causava nenhum espanto, na verdade, quanto mais a literatura que estava em voga fosse voltada ao entretenimento melhor. As editoras obtinham seus lucros através da publicação e venda de histórias policiais, romances, contos e ficção científica. Vejamos no gráfico 3 quais foram esses autores de língua inglesa que, no contexto da Editora Globo, ganharam maior destaque no período.

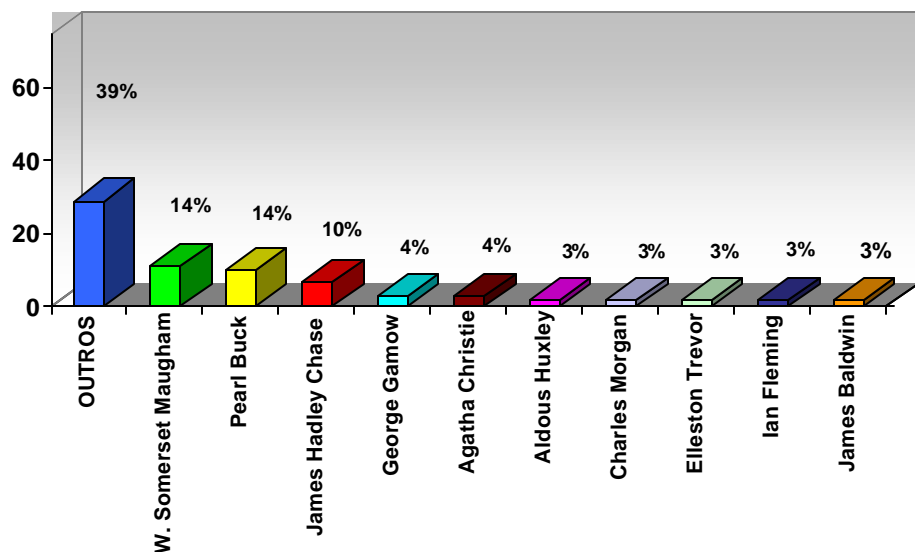


Gráfico 3: AUTORES DE LÍNGUA INGLESA TRADUZIDOS PELA EDITORA GLOBO ENTRE 1960 E 1979

Os autores mais publicados, na realidade, já tinham ganho seu espaço na editora em coleções publicadas anteriormente nas décadas de 30, 40 e 50, como demonstrou Sônia Amorim. A Editora Globo tinha, na figura de Henrique Bertaso, uma representação das tendências editoriais do início do século XX, as traduções atestam essas tendências e a publicação das mesmas, pelo menos no início da editora, em forma de coleções foi uma alternativa barata e lucrativa. Sendo assim autores como Somerset Maugham, embora não classificado como literatura culta-erudita, receberam maior aceitação entre o público-leitor. Segundo Amorim, podemos considerar "autores como Somerset Maugham, James Hilton e Charles Morgan como produtores de obras não pertencentes à literatura culta-erudita-de proposta" (2000). Maugham teve 11 títulos (14%) traduzidos e publicados no período entre 1960 e 1979. Ele é classificado como um mestre da narrativa curta e da comédia de costumes e é bem conceituado como escritor de língua inglesa, logo seu trabalho segue uma linha adotada pela Globo desde os anos 30, de publicar obras com "tendência popular(esca)" (AMORIM:68). Outra autora bem cotada é Pearl Buck, com 10 títulos (14%). Essa autora americana, que viveu grande parte de sua juventude na China, retrata em seus livros a cultura e o povo chinês de tempos mais antigos, seu trabalho

embora retrate um país comunista, não aborda questões políticas seriamente, mas mostra a luta do povo em meio a um ambiente hostil e pobre na China. James Hadley Chase, com 7 títulos (10%), é outro autor bem cotado embora tenha nascido em Londres, suas histórias são ambientadas nos EUA. Por vezes foi criticado pela violência em suas histórias policiais. O gênero policial ganhou maior destaque com uma autora inglesa, Agatha Christie, que teve 3 títulos (4%) publicados no período estudado. Ela é a representante maior do gênero, uma vez que, como um exemplo de estrangeirização, foi através de suas histórias que o mesmo foi incorporado pelo contexto brasileiro. George Gamow, com 3 títulos (4%), trouxe suas idéias futuristas para a literatura, através da ficção científica. Ele era físico, com ascendência russa e erradicado nos EUA. Todos esses autores, como visto, eram de linha popular, suas obras, no entanto, marcam uma tendência mundial, que foi, de certa forma, incorporada pelos brasileiros, uma leitura mais amena dentro do sistema cultural. Mesmo a manipulação, interna ou não, que levou a escolha dos autores, não desmerece a influência que os mesmos tiveram nos leitores. O regime não se sentiu ameaçado e a editora teve a liberdade de publicar e reeditar várias edições desses autores nas décadas que sucederam ao golpe, o que fez com que hoje os mesmos possuam uma posição de destaque e renome, não só no cenário da Editora Globo, mas em âmbito nacional. A Globo teve um papel relevante na formação da nossa identidade cultural, não só por investir em autores expressivos, mas por levar ao público-leitor uma variedade maior de obras traduzidas. As publicações dessa editora trouxeram aos leitores uma amostra mais diversificada das culturas retratadas nos romances, contos policiais e de ficção científica. Assim o cenário cultural e editorial brasileiro se formou e se transformou, as tendências literárias se moldaram nas obras que foram introduzidas no nosso contexto cultural, principalmente pelas traduções publicadas por empresas como a Editora Globo.